

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UMA ANÁLISE DO PROTAGONISMO INDÍGENA NAS CARTAS JESUÍTICAS DA AMÉRICA PORTUGUESA QUINHENTISTA

Bruno Freitas Carneiro

Doutorando em História na UNIVERSO

psibruno@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo busca uma compreensão do protagonismo indígena em meio às ações catequizadoras da Companhia de Jesus, com base na análise de cartas jesuíticas escritas da América portuguesa ao longo da segunda metade do século XVI. Para alcançar este objetivo, além das referidas cartas, paralelamente é feito o exame da bibliografia que envolve este período e contexto - considerando-se os pressupostos do campo teórico-conceitual que recebe a intitulação de “História Antropológica” ou “Antropologia Histórica”.

Palavras-chave: América portuguesa; Cartas; Indígenas; Jesuítas; Protagonismo.

É fato que, “quando os europeus aportaram nas Américas, encontraram povos como os incas, tupis-guaranis e astecas, para mencionar apenas alguns, que conviviam no continente em um interessante - e intrigante - caldeirão cultural.” (GURGEL, 2009, p.29). Sendo de se notar que os autóctones foram deliberadamente considerados “bárbaros” durante o processo de colonização ocorrido no âmbito da América portuguesa. E foram grandes os impactos dessas ações (também percebidas pelos colonizadores como “civilizadoras”) nas culturas nativas (BATTESTIN, BONATTI, QUINTO; 2019, p. 24), fazendo surgir por alguns, dentre outras, a seguinte pergunta: Nesse processo houve a completa anulação dessas culturas em contato com os europeus?

Ao abordarmos as relações estabelecidas entre indígenas e europeus, ou mais especificamente “religiosos europeus”, é importante considerarmos que se tratavam de “relações multifacetadas [...] por caminhos que levaram tanto à oposição franca ao

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sistema colonial, como a uma estreita colaboração na construção desse sistema” (SPOSITO, 2016, p. 49).

Segundo Cardoso (2018, p. 99), “refletir sobre a noção de colonização foi crucial para discutir o embate entre as práticas sociais e discursivas dos sujeitos do novo e do velho mundo, suas maneiras diferentes de se relacionarem com a terra e com o outro.” Desse modo, a colonização envolveria “um projeto de civilização alçado pelo colonizador que não teve preocupações ao excluir, negar e ocultar as culturas, cosmologias, crenças e idiomas, pois o objetivo maior era manter a monocultura enquanto projeto ideológico, universal e político.” (BATTESTIN, BONATTI, QUINTO, 2019, p. 24).

Além de “estigmatizados”, os povos indígenas da América Portuguesa no período quinhentista não raramente são analisados ou retratados quase que em total passividade diante dos europeus (no que destacamos os religiosos da Companhia de Jesus). Essa interpretação é, na verdade, uma simplificação de uma realidade muito mais complexa, com múltiplos fatores a serem observados, significativos para a compreensão do período colonial e, de forma mais ampla, dos encontros e estranhamentos entre povos e culturas distintos ao longo da história.

O protagonismo indígena - nas relações que se estabeleceram com os religiosos na América portuguesa - foi por muito tempo ignorado, como se os indígenas do período em questão fossem uma “tábula rasa”. Nem sempre são consideradas as relações entre os indígenas e os membros da Companhia de Jesus como marcadas por tensões, resistências e acordos, fatores que potencialmente nos remetem à reflexões conforme o tema proposto neste artigo. Porém, através das questões levantadas pela chamada “nova história indígena”, houve a possibilidade de novas formas de análise e interpretação dos nativos e seu papel nesse período, o que nos leva à observação de suas relações com os inacianos.

É preciso atenção para o fato de que os chamados “povos originários” - que supostamente “aceitavam” a cultura religiosa transmitida pelos jesuítas - não abandonavam completamente suas práticas culturais. Mesmo com todas as incisivas ações de cristianização sobre suas vidas, esses foram capazes de manter viva - ainda que com restrições impostas - sua originalidade ou singularidade (BATTESTIN, BONATTI,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

QUINTO, 2019, p. 20). Infere-se, segundo Cardoso (2018, p. 116), que, “a resistência à colonização e suas imposições ocorreu tanto por parte dos indígenas quanto por parte dos africanos e seus descendentes escravizados, se manifestando de várias formas e sobre vários aspectos.”

A resistência indígena seria um fator permanentemente encontrado ao longo do trabalho missionário. Segundo Monteiro (1994, p. 47), de forma geral, “os jesuítas concentraram suas estratégias em três áreas de ação: a conversão dos ‘principais’, a doutrinação dos jovens e a eliminação dos pajés.” Porém, a ação estratégica dos padres não era indicativa de facilidade, pois, como observa este autor “a cada passo, enfrentavam resistências, em maior ou menor grau [sendo] a resistência indígena o principal obstáculo ao êxito do projeto missionário.”

De acordo com Sposito (2012, p. 110), “a inimizade ou aliança com os índios não eram somente situações possíveis dentro do universo colonial, mas, antes, foram categorias criadas pelos objetivos da conquista, baseada em intervenções e manipulações das múltiplas identidades étnicas ameríndias em favor dos europeus”.

Os indígenas, obviamente, possuíam práticas e costumes diferentes dos padrões afirmados por séculos pela teologia cristã, que, por esse motivo - conforme o entendimento dos jesuítas - não poderiam continuar a ser praticados. Para os padres, as almas dos ameríndios, na condição de “prisioneiras do pecado”, deveriam ser libertas. E como esses religiosos identificavam o pecado? Em todas as práticas não condizentes com os mandamentos do Deus no qual criam (o Deus do cristianismo): Poligamia, antropofagia, nudez etc. (LIMA, 2010, p. 25). Como aponta Florencio (2007, p. 90): “O fim último da existência da Companhia é a Salvação, que deve fundamentar-se na união de todos [a pessoa de Jesus].” No entanto, o cristianismo e a religiosidade ameríndia não podem ser simplesmente compreendidos em termos de exclusão ou negação do “outro” (no caso, o outro indígena”), conforme a análise de Schwartz (2006), o cristianismo e a religião ameríndia não eram alternativas propriamente excludentes entre si, enquanto crenças que mantinham certa convivência naquela sociedade.

Para Amantino (2015, p. 26), os jesuítas devem ser obviamente identificados como religiosos, e, acima de tudo, como indivíduos conscientes do pertencimento a um “corpo” cuja principal finalidade seria a propagação da salvação religiosa, de forma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ampla, sem restrições geográficas, em diferentes partes do globo. Desse modo, ocorria - de acordo com Maria Cristina dos Santos, no que diz respeito ao papel dos jesuítas em meio aos indígenas - a:

[...] "conquista espiritual" para a "redução" e a partir daí a civilização. Catequisar e civilizar os indígenas implica numa transformação radical e irremediável para o modo da vida das Sociedades tribais. Uma missão tão ampla possui Justificativas (em sua maioria etnocêntricas) para todas as atitudes encetadas pelos missionários, e até mesmo para aqueles objetivos não alcançados (SANTOS, 1978, p.75).

Na obra “O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios (colonialismo e repressão cultural)”, Luiz Felipe Baeta Neves aponta que a “Companhia de Jesus foi fundada para difundir a Palavra especialmente a povos que não a conheciam [...] por meio de uma socialização prolongada”, sendo a catequese “um esforço racionalmente feito para conquistar homens”; acentuando a semelhança (são homens) e apagando as diferenças: não são cristãos (NEVES, 1978, 45).

Era desafiadora para os missionários a atuação em meio aos ameríndios. A eficiência do trabalho de conversão dos nativos dependia de uma complexa articulação entre os mesmos. Trabalhando estrategicamente, os padres buscavam tornar inválidos (ou anular) os discursos ou narrativas dos pajés (que eram respeitados entre os indígenas). Mas é apropriado ressaltar que “missionários” e “pajés” nem sempre representavam antíteses ou polos opostos, pois muitas vezes os “ex-pajés” auxiliavam os padres na evangelização dos “neófitos” (CRUZ, 2013, 17). Como observa Sposito (2016, p. 40), “obviamente as missões entre os índios sofreram inúmeras variações conforme o local, o período, as etnias e as ordens religiosas envolvidas no processo de sua implantação.”

A colonização e a catequização da América portuguesa apresentava uma série de conflitos relacionados ao fato dos indígenas, como seres humanos dotados de razão, possuírem suas próprias percepções e interesses. Ao tratar das “reações dos tupinambás”, João Pacheco de Oliveira traz as seguintes informações:

Em 1558, reações negativas quanto às normas mais rígidas de catequese juntaram-se à insatisfação dos Tupinambás pela progressiva perda de seus territórios. Mem de Sá, no comando de trezentos portugueses e quatro mil índios das aldeias, deu início à chamada “Guerra do Paraguaçu”, destruindo entre 130 e 160 aldeias Tupinambás na região do recôncavo. Dessa vez, a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

submissão dos indígenas incluía a plena aceitação dos novos princípios de catequese. (OLIVEIRA, 2016, p. 58-59)

Na evangelização desenvolvida na América portuguesa, a denominada “inconstância”¹ dos indígenas se evidenciou. Em certos momentos ocorriam “conversões aparentes”, ou seja, manifestações “externas” de aderência ao cristianismo sem os resultados verdadeiramente esperados pelos padres. Desde o começo da missão no território mencionado, o “fácil dobrar-se” dos povos indígenas à fé cristã (sem necessariamente representar um “coração que crê”, na concepção religiosa católica), foi “denunciado” pelos jesuítas (AGNOLIN, 2001, p. 13 - 14).

Em uma carta, datada do ano de 1551, o padre Affonso Braz interpretou como “inconstante” o comportamento dos nativos, que, segundo seu modo de perceber os fatos, eram “mudáveis” e possuíam almas “perdidas”:

Não ousou aqui bautizar estes Gentios tão facilmente, ainda que o pedem muitas vezes, porque me temo de sua inconstancia e pouca firmeza, sinão quando estão em o artigo da morte. Tem-se cá mui pouca confiança nelles porque são mui mudáveis, e parece aos homens impossível poder estes vir a ser bons christãos, porque aconteceu bautizar os christãos alguns, e tornarem a fugir para os gentios, e andam depois lá peiores que d’antes, e tornam-se a metter em seus vícios e em comer carne humana. [...] Nosso Senhor queira por sua infinita misericórdia haver piedade de tantas almas perdidas e tão apartadas e esquecidas de seu Creador (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, p. 88).

O episódio supracitado exemplifica como as cartas jesuíticas do período apresentam sutilmente o protagonismo dos ameríndios nas relações estabelecidas no contexto da missão, através da “resistência” em abandonarem seus costumes (como a nudez, a poligamia, a antropofagia e a denominada “feitiçaria”), inclusive considerados em termos de práticas “demoníacas” pelos missionários. Os costumes nativos - contrastantes com o ideal ocidental cristão - seriam veementemente censurados pelos jesuítas no desenvolvimento da catequização, porém, se manteriam, seriam adaptados, ou se recriariam.

Acerca dos escritos jesuíticos, constata-se que até a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil e do Pará-Maranhão, boa quantidade de cartas, relatórios, informes e crônicas foram escritos pela Ordem. Tratando-se, evidentemente, de um “acervo referencial” para a construção da memória dos jesuítas (ou do imaginário a respeito dos

¹ Algo que partia da percepção dos missionários.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mesmos) no contexto colonial luso americano (LONDOÑO, 2002, p. 12). A escrita jesuítica não se relacionava somente à atividade missionária, em termos de trocas de “experiências religiosas” entre os padres, também apontava para a “atividade intelectual” (característica da Ordem), na medida em que a “exótica” e até então incompreendida cultura indígena passou, através da ótica religiosa europeia, por um processo gradual de análise. Com isso, os jesuítas podem ser pensados para além de suas atividades evangelísticas entre os nativos. A “atividade religiosa” e a “reflexão teórica” a ela vinculada simultaneamente se desenvolviam no contexto apresentado. Sendo fato que, nas correspondências jesuíticas são encontradas “impressões e considerações pessoais” (FELIPPE, PAZ, 2019, p. 203 - 204) carregados de parcialidades que não devem ser ignoradas, pois representam percepções que auxiliam na compreensão da História do Brasil Colonial.

Em 1555, referindo-se aos pajés, Anchieta expressou-se em carta com as seguintes palavras: “Os que fazem estas feitiçarias, que disse são mui apreciados dos índios, persuadem-lhes que em seu poder está a vida ou a morte; não ousam com tudo isto aparecer diante de nós outros, porque descobrimos suas mentiras e maldades.” (ANCHIETA, 1933, p. 73). De acordo com Raminelli (1996, p. 122), “os religiosos combatiam um inimigo muito poderoso, ou melhor, lutavam contra um adversário com plenos poderes sobre as tribos”.

Outro fator é que, por não possuir “corpo”, o Deus apresentado pelos missionários não era aceitável (ou plenamente incorporado) no universo religioso indígena, visto que, em sua cultura, não podiam assimilar a completa ausência do “corpo”. Para o padre Nóbrega, os indígenas estavam “sensualmente” apegados à corporeidade, no que declarou: “Estão mui apegados com as cousas sensuaes. Muitas vezes me perguntam si Deus tem cabeça e corpo de mulher, si como e de que se veste e outras cousas similares” (KOK, 2001, p. 80).

Um dos costumes que mais incomodavam os missionários era a “nudez”. No trecho a seguir, extraído de uma carta do padre Leonardo Nunes (de 1550), observa-se que em determinado momento do texto, ao relatar a “hostilidade” indígena, mencionou a nudez:

Neste tempo os índios não nos davam espaço nenhum, seguindo- nos e accommettendo nos por todas as partes, e certo que pareciam diabos: todos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

andavam nós, como elles todos costumam, delles tintos de negro, outros de vermelho, outros cheios de pennas, e não cessavam de atirar frechadas, com grande grita, e outros tangiam nos busios, com que fazem alarde em suas guerras que parecia o mesmo Inferno e assi nos perseguiram passante de três horas, de maneira que, si foram contrarios e nos seguiram um pouco mais, nem um de nós escapara de que não fizeram seu manjar. Frecharam-nos duas pessoas: uma dellas morreu em sahindo em terra, porque as frechadas eram taes que passavam as taboas do navio de uma parte a outra (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, p. 60).

A busca pela chamada castidade, o ato de vestir-se ou de cobrir (ocultar) o corpo eram fatores de difícil compreensão ou incorporação para a cultura nativa. Gerando preocupações por parte dos missionários, ao desejarem o sucesso da missão. Questões que levaram Nóbrega a solicitar (em 1553) orientação dos letrados de Coimbra a respeito de como deveria agir em meio a essa situação de difícil resolução pelos padres (KOK, 2001, p. 81):

[...] como nos haveremos acerca dos Gentios que nos vêm a pedirem o baptismo e não tem camisas nem roupas para se vestirem: si, somente por razão de andarem nus, tendo o mais aparelhado, lhes negarmos o baptismo e a entrada na igreja á missa e doutrina, porque parece que andar nu é contra a lei da natura, e, quem a não guarda pecca mortalmente, e o tal não é capaz de receber o Sacramento, e por outra parte eu não sei quando tanto Gentio se poderá vestir, pois tantos mil annos andou sempre nu, não negando se bom persuadir-lhes, e prégar-lhes que se vistam e mettel-os nistos quando puder ser? (NÓBREGA, 1931, 142)

A prática da nudez, de acordo com o entendimento dos missionários, deveria ser corrigida. Neste âmbito, ao se pensar no “vestir-se”, certa vez o padre José de Anchieta descreveu a “originalidade” ou “excentricidade” (mediante o contraste com os hábitos europeus) de alguns indígenas ao vestirem-se, no que observamos que se tratava de uma cultura viva em processo contínuo de “recriação” diante da sobreposição de padrões europeus:

[...] de vez em quando, vestem alguma roupa de algodão ou de pano baixo e nisto usam de primores a seu modo, porque um dia saem com gorro, carapuça ou chapéu na cabeça e o mais nu; outro dia com seus sapatos ou botas e mais nu, outras vezes trazem uma roupa curta até a cintura sem mais a outra. Quando casam vão ás bodas vestidos e á tarde vão passear sòmente com o gorro na cabeça sem outra roupa e lhe parece que vão assim mui galantes (ANCHIETA, 1933, 426).

Assim como a nudez, outro costume a ser combatido veementemente pelos inacianos seria a poligamia (contrastante com os moldes cristãos de casamento), ao

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

passo que os nativos resistiam a terem que levar uma vida monogâmica duradoura nos padrões pregados pelos padres. No ano de 1558, em carta da Bahia, o jesuíta Antônio Blasquez declarou:

Um índio, deixando sua mulher de quem tinha muitos filhos e tomando outra, com a qual estava, deixando a primeira com os filhos padecer muita necessidade, e sendo advertido por seus mestres e reprehendido não desistiu: succedeu adoecer a manceba e morrer de morte súbita e muito espantosa a todos, porque morreu inchada, cousa que mettia medo. Com a morte da qual, lhes fizeram uma predica sobre a fidelidade do casamento, mandando que não a chorassem, pois estava no inferno, e muitas diziam: Eu não tenho mais que um só marido; de sorte que ganharam todos temor e foi-lhes muito bom, pois elles têm em pouca conta os adultérios e os peccados da carne, porque são de tal qualidade estes Gentios que parece que nunca tomam as mulheres com o intento de as manter sempre; o que se conhece claramente por serem fáceis em deixar uma e tomar outra, e ellas do mesmo modo (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, p. 184).

A antropofagia (ou rituais antropofágicos), prática abominável para os missionários, também era frequentemente mencionada em suas cartas. E como observa Azevedo (2009, p. 52), “a antropofagia, ou seja, o hábito de comer carne humana sob várias modalidades, verificou-se entre quase todos os povos ameríndios, com maior destaque para os tupis.” A prática era consequência das guerras. Os inimigos capturados eram ritualisticamente executados e “consumidos”. Como se observa nas palavras do padre Azpilcueta Navarro, em carta de 1550:

[...] é que muito arraigado está nelles o uso de comer carne humana, de sorte que, quando estão em artigo de morte, soem pedil-a, dizendo que outra consolação não levam sinão esta, da vingança de seus inimigos, e quando não lha acham que dar, dizem que se vão o mais desconsolados deste mundo. Gasto grande parte do tempo em reprender esse vicio; replicam alguns que comem-na somente as velhas; outros dizem que seus antepassados comeram e que elles devem comer carne humana. Dizem outros que é o modo usual de vingaremse, e que os contrários praticam o mesmo a respeito delles e que eu não deveria arrancar-lhes este seu alimento. Uma vez, por estes dias, foram á guerra muitos das terras de que fallo, e muitos foram mortos pelos inimigos, donde, para se vingarem, outra vez lá voltaram e mortos muitos dos contrários, trouxeram grande abundância de carne humana, e indo eu visitar uma aldêa, vi que daquella carne cozinhavam em um grande caldeirão, e ao tempo que cheguei, atiravam fora uma porção de braços, pés e cabeça de gente, que era cousa medonha de ver-se, e seis ou sete mulheres, que com trabalho se teriam de pé, dançavam ao redor, espevitando o fogo, que pareciam demônios no Inferno (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, p.51 - 52)

Os ameríndios, por conta de suas manifestações culturais exerceram seu protagonismo, e foram retratados em diversos momentos como que influenciados por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“forças demoníacas”. Os missionários muitas vezes demonstraram espanto diante de seus costumes. No ano de 1551, o padre João de Azpicueta Navarro expressou em carta as seguintes palavras: “Tem o Demônio muito dominio nelles, o qual dizem que algumas vezes lhes aparece visivelmente e que lhes dá e atormenta outras vezes asperamente. Nosso Senhor nos livre de suas mãos (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, p. 71).”

Os indígenas em seu “modo de ser” e “agir” por muitas vezes frustraram as expectativas construídas a seu respeito pelos religiosos, um exemplo está na mudança de postura (ou “olhar”) de Nóbrega com relação aos mesmos. Em 1549, recém-chegado à Bahia de Todos os Santos, o padre demonstraria entusiasmo para com os nativos (aparentemente de fácil conversão), mas com o passar do tempo, posteriormente declararia de modo antagônico:

[...] não passavam de cães em se comerem, e matarem e são porcos, por vícios, e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão, por que alguns padres, que do reino vieram, os vejo resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo o Brasil em uma hora e vêm-se que não podem converter em um anno por sua rudeza e bestialidade (KOK, 2001, p. 118).

Como observa Florencio (2007, p. 61), acerca da escrita de Nóbrega, ela é “dotada de um sentido missionário, voltada, portanto para as expectativas de uma história futura, em que o gentio será transformado em próximo pela anulação de seus ‘maus costumes’”.

Constatamos que o trabalho de catequização persistentemente empreendido pelos missionários, mesmo com o surgimento dos aldeamentos (que foram espaços “organizados” e “controlados” pelos religiosos da Ordem dos Jesuítas) se desenvolvia com “dificuldades”, produzidas através das relações com os autóctones. Em 1584, Anchieta demonstraria sua percepção a respeito das “oscilações” da missão na América. A missão passava por constantes instabilidades ou sinuosidades, oscilando em ações que podem, em certa medida, ser classificadas como “bem sucedidas” (no cumprimento de determinados objetivos) e “insucessos”:

Nos batizados que se faziam, como não levavam nenhum aparelho nem conhecimento das cousas da Fé, nem arrependimento de pecados, não somente não recebiam graça, mas muitas vezes nem caráter pela ignorancia deles que não sabiam o que recebiam e dos que lho davam sem lho dar a entender, e desta maneira viviam e vivem ainda agora muitos em perpétuas trevas sem terem mais que nomes de cristãos, de maneira que assim se

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

havam com eles e ainda agora se hão, como que não fossem suas ovelhas; nem os Bispos fazem muito caso disso, pois com os índios livres visto está que se não faz diligência nenhuma no que toca a sua salvação, quasi como de gente que não tem alma racional nem foi criada e redimida para a Glória (ANCHIETA, 1933, p. 322).

Sem desconsiderarmos a contribuição de outros padres, ao contrário, é de se notar que “Nóbrega e Anchieta foram responsáveis por ampla documentação sobre o Brasil do século XVI” (MOREAU, 2003, p. 23). No entanto, “em geral, os depoimentos do século XVI possuem um elevado grau de etnocentrismo, o que leva a não preocupação com a complexidade (e com a alteridade) cultural dos povos indígenas. Ou seja, os europeus construíram uma precária imagem dos nativos ao situá-los à sombra de sua própria cultura” (MOREAU, 2003, p. 25), mas os ameríndios demonstrariam pouca disposição à vida nessa “obscuridade”, dando luz (ainda que nas entrelinhas das referidas cartas) às suas práticas culturais e, com isso, revelariam seu protagonismo.

Em suma, através da leitura das cartas jesuíticas quinhentistas, é possível captar informações a respeito da força cultural indígena em meio às ações catequizadoras no contexto “colonial”. Desse modo, abrem-se novas possibilidades de compreensão dos nativos da América portuguesa, que passam a ser pensados, no âmbito da “missão”, não em termos de “apatia” ou “inércia” (equivocadamente), mas como possuidores de suas próprias determinações e complexidade, salientando sua relevância e destaque na história do Brasil.

Fontes:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Cartas Avulsas, 1550-1568 (Cartas Jesuíticas, Vol. II)**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1931.

ANCHIETA, José de. **Cartas, Informações, Fragmentos históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

NÓBREGA, Manoel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras - Officina Industrial Graphica, 1931, p. 142.

Bibliografia:

AMANTINO, Marcia. **A Companhia de Jesus e o comércio na Ibero-América (Rio de Janeiro e região do Rio da Prata, séculos XVI-XVIII)**. In. AMANTINO, Marcia; FLECK, Eliane; ENGEMANN, Carlos (orgs.). **A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas: Aproximações entre Brasil e Argentina (Século XVIII)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

AGNOLIN, Adone. **Jesuítas e tupi: o encontro sacramental e ritual dos séculos XVI-XVII**. Revista de História da U.S.P., n. 144, 1º semestre de 2001, pp. 19-71.

AZEVEDO, Ana Maria de. **Fernão de Cardim: Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Hedra, 2009.

BATTESTIN, Cláudia; BONATTI, Jailson; QUINTO, Jeanice Rufino. **A colonização e resistência dos povos originários da América Latina**. REVISTA FÓRUM IDENTIDADES |Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 30, nº 01, p. 13-27, jul.-dez. de 2019.

CARDOSO, Rosemary Aparecida. **Resistência indígena na capitania Pernambuco: Estudo sobre o Contato através da Tecnologia Cerâmica na Sesmaria Jaguaribe no Litoral Norte**. Recife: Tese - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

CRUZ, Carlos Henrique A. **Inquéritos Nativos: os pajés frente à Inquisição**. Niterói: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Fluminense, 2013.

FELIPPE, G. G.; PAZ, C. D. **Interseção de subjetividades: a presença indígena na escrita afetada dos jesuítas**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 12, n. 30, 27 ago. 2019.

FLORENCIO, Thiago de Abreu e Lima. **A busca da salvação entre a escrita e o corpo: Nóbrega, Léry e os Tupinambá**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História - Departamento de História da PUC-Rio, 2007.

GURGEL, Cristina Brandt Friedrich Martin. **Índios, jesuítas e bandeirantes. Medicinas e doenças no Brasil dos séculos XVI e XVII**. Campinas: Tese de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Doutorado - Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

KOK, Maria da Glória. **Os vivos e os mortos na América portuguesa. Da antropofagia à água do batismo.** Campinas – SP: Editora Unicamp, 2001.

LIMA, Elda Cassia de. **A correspondência jesuítica na construção de um Novo Mundo: Evangelizar, Classificar, Informar (1553-1596).** Goiânia: Dissertação de Mestrado em História - Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Goiás, 2010.

LONDOÑO, Fernando Torres. **Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI.** São Paulo: Artigo – PUC-SP / Revista Brasileira de História, vol. 22, nº 43, 2002.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREAU, Filipe *Eduardo*. **Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta.** *São Paulo – SP: Annablume, 2003.*

NEVES, Luiz Felipe Baeta. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios (colonialismo e repressão cultural).** Rio de Janeiro - RJ: Forense Universitária, 1978.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p. 58.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da Colonização: A representação do índio de Caminha a Vieira.** Rio de Janeiro, Zahar Ed, 1996.

SANTOS, Maria Cristina dos. **Jesuítas e índios na sociedade missionária: Uma análise crítica da historiografia.** *Estudos Ibero-Americanos, 13(1), 71-108. 1987.*

SILVA, André Cavalcante Barbosa da. **O imaginário em torno do “ser índio” no discurso do/sobre o sujeito-índigena: entre o assujeitamento e a resistência.** Recife: Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SOUZA, Fábio Feltrin de; WITTMANN, Luisa Tombini (Orgs.). **Protagonismo indígena na história.** Tubarão - SC: Copiart - UFFS, 2016.

SPOSITO, Fernanda. **Políticas ameríndias, políticas indigenistas (Américas portuguesa e espanhola, séculos XVI a XVIII).** In. SOUZA, Fábio Feltrin de; WITTMANN, Luisa Tombini (Orgs.). **Protagonismo indígena na história.** Tubarão - SC: Copiart - UFFS, 2016.

SPOSITO, Fernanda. **Santos, Heróis ou Demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai / Rio da Prata, séculos XVI – XVII).** São Paulo: Tese de Doutorado em História - Universidade de São Paulo, 2012, p. 110.

SCHWARTZ, Stuart. **Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico.** São Paulo: Companhia das Letras; Bauru: 2006.